



## CONTOS E LENDAS DA CAPITAL FEDERAL: UM RESGATE DA LITERATURA BRASILIENSE

Adriana Levino Gouveia<sup>1</sup>

### RESUMEN:

*CUENTOS Y LEYENDAS DE LA CAPITAL FEDERAL:  
UN RESCATE  
DE LA LITERATURA BRASILEÑA*

*Este trabajo estudia los cuentos y leyendas de la Capital Federal –Brasilia–, a partir de la divulgación y el rescate de la literatura reciente de la ciudad, que hace poco más de cuarenta años, es sede del gobierno brasileño. Su finalidad es también revelar, por medio de la tradición folclórica, a la luz de referencial teórico específico, las historias de los pioneros que emigraron a la nueva región a fines de la década del 50, con el fin de construir el nuevo Centro Administrativo –los denominados “candangos”. Además, se analizan textos que contribuyen a la ampliación del imaginario cultural brasileño, mientras se exploran temáticas poco divulgadas de la capital y de las ciudades satélites que configuran el Distrito Federal.*

**Palabras claves:** literatura oral, leyendas, cultura popular, ciudades satélites.

### ABSTRACT:

*TALES AND LEGENDS OF THE FEDERAL CAPITAL: A  
RESCUE OF THE LITERATURE OF BRASILIA*

*This essay studies tales and legends of Brasilia, the Federal Capital of Brazil, rescuing and spreading the recent literature of the city, which has been the home of the Brazilian Government for over forty years. Also it is its objective to reveal –by means of folklore tradition and under the light of specific, theoretical references– stories of those pioneers who emigrated to the new region in the late fifties in order to build the new Administrative Center, that is, the so-called “candangos” (Name given in Brazil to the non-classified workforce who helped to build Brasilia). Also it analyses texts that contribute to widen the Brazilian cultural imaginary is intended and, at the same time, themes about the Capital and its satellite cities (all of them part of the Federal District), which have not been duly spread, are also explored.*

**Key words:** oral literature, legends, popular culture, satellite cities.

**RESUMO:** *O presente trabalho objetiva estudar os contos e lendas da Capital Federal – Brasília –, a partir da divulgação e do resgate da recente literatura da cidade que há pouco mais de quarenta anos sedia o Governo brasileiro. Tem por finalidade, ainda, re(des)velar, por meio da tradição folclórica, à luz de referencial teórico específico, as histórias dos pioneiros que para a nova região migraram no final da década de 50, a fim de construir a novo Centro Administrativo –os denominados candangos. Na mesma proporção, busca-se analisar textos que contribuem para a ampliação do imaginário cultural brasileiro, à medida em que se exploram temáticas pouco divulgadas da Capital e das cidades satélites que configuram o Distrito Federal.*

**Palavras chaves:** literatura oral, leyendas, cultura popular, ciudades satélites.

**A** produção literária brasiliense enfrenta com maturidade a controvérsia da originalidade e da autenticidade dos representantes da literatura de uma Unidade da Federação costumeiramente considerada insuficientemente madura para contar com intelectualidade legítima. Nesse sentido, verifica-se o grande número de autores radicados em Brasília –DF, cujo registro é definido pelo afeto pessoal, que participaram da consolidação da

<sup>1</sup> Levino Gouveira, Adriana, Secretaria de Estado de Educação, Brasília DF, Brasil.

cidade, tanto na administração quanto na montagem de entidades que lhe dariam feição cultural.

Assim, os escritores no panorama que se propõe apresentar, metaforicamente, têm parte do cordão umbilical amarrada à construção de Brasília. Pode-se ilustrar tal fato por meio das obras: *Antologia do Conto Brasiliense*, (2004) organizado por Ronaldo Cagiano, patrocinada pela Secretaria de Cultura do DF, quinta coletânea constituída de 83 contos de autoria, para citar apenas alguns: Stela Maris Rezende, Lourenço Cazarré, Simão de Miranda, Margarida Patriota, Alan Viggiano, Almeida Fischer, Anderson Braga Horta, Bernardo Elis, Flávio Khoté, Lucília Garcez, Napoleão Valadares, Artur da Távola entre outros. Além das quatro anteriores: *Contistas de Brasília* (1965), de Almeida Fischer; *Conto Candango* (1980), de Salomão Sousa; *Horas Vagas*, v. 1 (1981), de João Emílio Falcão, e v. 2, de Joanyr de Oliveira; e *Contos Correntes* (1988), de Napoleão Valadares. Há ainda que se recorrer às antologias poéticas, que representam um número ainda mais avultado. Contudo, no presente trabalho, optou-se por analisar as narrativas extraídas da obra: *Contos, lendas e estórias do Distrito Federal*, vol. 01, de Helena Maria Ribeiro, publicado em 1994.

Segundo as palavras da autora Helena Ribeiro (1994), em seu depoimento acerca da obra produzida, cujo texto fora intitulado *A magia do DF*, em que relata como surgiu a motivação para a escrita do livro:

A narração oral ou escrita dos acontecimentos mais ou menos fantásticos e até mesmo mitológicos em torno de personagens históricos, que vieram na região do atual Distrito Federal, é tão cheia de vida, de aventuras e magia que despertam em mim um forte sentimento de amor e respeito por esta terra e pelos pioneiros que ela gerou ou acolheu de braços abertos.

Desse amor pela sua riqueza cultural nasceu a idéia de escrever este livro, objetivando despertar nas crianças, jovens e adultos através das lendas, dos contos e das estórias, o amor pela região onde vivem, a consciência da grande importância que existe no ato de ouvir os ensinamentos de vida que os mais idosos têm para nos transmitir, mantendo assim o imprescindível elo entre as gerações e a permanência dos valores culturais do local.

Iniciei a pesquisa entrevistando dois pioneiros que por sua vez me indicaram muitos outros pioneiros. Logo percebi que o Distrito Federal não busca uma identidade cultural como muitos supõem. Essa identidade já existe, pois o Distrito Federal dispõe de uma riqueza infindável de informações registradas em documentos fotográficos, diários, registros oficiais das vilas e comarcas, inventários, além de histórias cheias de aventura, sofrimento, fantasia, misticismo e amor guardadas na memória das familiares que há muitos anos se fixaram nessas terras.

*Contos, Lendas e Estórias do Distrito Federal*, volume 1, é apenas uma amostra do muito que os pioneiros têm para nos informar sobre esta maravilhosa terra.

Cabe ressaltar que a obra em análise é constituída de 12 textos, quer sejam lendas, contos e estórias de pioneiros, índios e monumentos que estão diretamente relacionados à construção da Capital Federal: Brasília, bem como às cidades-satélites que gravitam ao seu redor.

Desse modo, selecionou-se para este ensaio quatro narrativas: a) Lenda da origem do nome da cidade Paranoá; b) Estória de pioneiro –O preço de uma égua velha ...; c) A lenda do lago; e, d) Lenda do Campo da Esperança.

## Breve Resgate Conceitual:

Para tanto, é pertinente recordar as definições de conto e lenda. Massuad Moisés (1995, p. 98-100) em seu *Dicionário de Termos Literários* assinala que:

Conto –Latim (*computu* (m), *contu* (m)); Grego *Kóntos*, invenção ficção [...]. De gênese desconhecida, o conto desenvolve sutilezas que, acentuando-lhe a fisionomia estética, a aproximam de uma cena do cotidiano poeticamente surpreendido. [...] Até os nossos dias, o conto vem sendo praticado por uma legião cada vez mais de ficcionistas, que nele encontram a forma adequada para exprimir a rapidez com que tudo se alerta no mundo moderno.

Já o vocábulo lenda, Moisés (1995, p. 305), assim o destaca:

Latim *legenda*, coisas que devem ser lidas. Designa toda narrativa em que um fato histórico se amplifica e se transforma sob o efeito da imaginação popular. Não raro, a veracidade se perde no correr do tempo, de molde a subsistir apenas a versão folclórica dos acontecimentos. A lenda distingue-se do mito na medida em que este não deriva de acontecimentos e faz apelo ao sobrenatural.

A esse respeito, a pesquisadora Cléo Busatto em sua obra *Contar e Encantar – Pequenos segredos da narrativa* (2003, 21), assinala que:

[...] o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, lingüistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias.

Busatto (ob. cit., p. 23), declara ainda que um “*sem-número de registros de contos de fadas, mitos, fábulas e lendas de diferentes nacionalidades foram publicados.*” Entre nós ocidentais, os mais conhecidos e divulgados foram os contos de fadas, juntamente com a mitologia grega.

No Brasil encontramos os registros de contos populares realizados por folcloristas, viajantes e antropólogos. Entre eles destacam-se Câmara Cascudo e Sílvio Romero.

Dessa feita, pode-se declarar que o conto de literatura oral é uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade, sem que com isso possa se atribuída paternidade, visto que conto se molda ao contexto onde ele é narrado e, “como um camaleão, vai se adaptando às cores e aos tons de cada povo, de cada contador que narrou”, conforme ressalta Busatto (2003, p. 28). Logo, o conto de tradição oral é um retrato da magia e do encantamento, uma fantástica criação da mente humana. Quanto às lendas, Busatto (ob. cit, p. 36), pontua que são “*episódios conservados na tradição popular de fatos que aconteceram ou que poderiam ter acontecido muito próximo do narrador, mantidos, a princípio, pela oralidade, e que revelam coisas que por meio da razão não podem ser explicadas.*” Sabe-se que as lendas são construídas em torno de personagens históricos e religiosos. É na categoria de lenda que se são encontrados muitos contos que abordam casos corriqueiros/ cotidianos de um povo.

## Análise dos contos e lendas selecionados:

## a) Lenda da origem do nome da cidade Paranoá

*Parou – no – ar ---- Para – no – ar ---Paranoá*

Esta lenda resgata a história de pioneiros nordestinos que mais tarde tornaram-se conhecidos por candangos, que chegaram para a região do Distrito Federal, antes da construção de Brasília, uma vez que durante um período de seca, na região por eles habitada (nordeste), um pai desesperado, com filhos famintos, sedentos e muito doentes decidiu abandonar sua terra natal em busca de um lugar que possuísse muita água e no qual ele pudesse trabalhar e viver em melhores condições com a família. Esse seria o maior milagre com que o pai aflito sonhava.

Assim, juntou os poucos bens que detinha pôs-se a caminho com a esposa e filhos. Sem rumo certo, viajaram de caminhão, ônibus, carroça e a pé por muitos e muitos dias. Neste período, sobreviveram com a ajuda dos moradores dos vilarejos, das cidades e fazendas por onde passaram. A esperança de que o milagre aconteceria era a força que os movia. Durante esse tempo, conheceram outras pessoas que também buscavam um milagre para suas vidas. Elas foram se juntando a eles, formando um grupo constituído de três famílias de migrantes que se dirigia para o Planalto Central.

Longa foi a jornada. Contudo, encontraram um local que parecia o próprio paraíso: era belo, repleto de vegetação e localizava-se próximo a um rio de águas cristalinas. Muita água! Era o que desejavam!

Pequenas cabanas e barracos foram construídos utilizando o material encontrado na região: madeiras, folhas de buriti, papelão entre outros. Instalados, iniciaram a procura por trabalho. Descobriram, sem demora, que perto dali estava sendo construída a nova capital do Brasil e também uma enorme barragem com o fim de represar o rio e formar um lago que refletisse a imagem da cidade.

Dessa feita, o milagre se concretizou para aqueles seres. Os homens se empregaram nas firmas construtoras e as mulheres e crianças passaram a fornecer almoço para muitos pedões de obras. Logo, a vida foi melhorando; novos migrantes foram chegando.

Com tantos trabalhadores, a barragem logo ficou pronta e a notícia de que o Presidente da República, Juscelino Kubitschek, viria para a inauguração, tomou conta da vida de todos. O grande dia era aguardado com enorme expectativa. Como ele chegaria? Por onde viria?

Dia claro e bonito. Os moradores do acompanhamento, vestidos com suas melhores roupas, aguardavam a hora do início da solenidade. De repente, um barulho estranho e forte, vindo do céu, chamou a atenção de todos. A maioria nunca tinha visto aquele aparelho que sobrevoava o local. As pessoas olhavam fixamente para o helicóptero com surpresa e euforia refletidas no rosto, nos gestos e nas palavras.

As manobras do piloto do helicóptero eram acompanhadas pelas expressões:

“—Olha, gente! Ele roda no ar! Virgem Mãe do céu, ele parou no ar! Parou, gente! Olha, ele pára no á! Para no á!” (p. 52)

A partir deste acontecimento o local passou a ser chamado pelo moradores de Paranoá. O tempo passou. Muitos outros migrantes lá chegaram. E o acompanhamento foi elevado à condição de Vila do Paranoá. A Vila cresceu e transformou-se na cidade do Paranoá

“que vista, à noite, pelas pessoas que estão em Brasília, parece uma grande tocha de luz no ar.” (p. 53)

Simbolicamente, Brasília representou no período de sua construção e ainda, na atualidade, continua a representar o eldorado com que muitos sonham. Para os pioneiros, aqueles que desdobravam as matas e edificaram a estrutura física para sediar a nova capital, bem como para os que até hoje a ela se dirigem, a cidade proporciona melhores condições de vida, possibilitando trabalho, estudo, habitação, saúde, educação, entre outros aspectos.

De acordo com Chevalier & Gheerbrant (1995, p. 239), a construção das cidades está associada ao sinal da *sedentarização dos povos nômades, partindo de uma verdadeira cristalização cíclica*. É por essa razão que as cidades são tradicionalmente quadradas, símbolo da estabilidade ao passo que os acampamentos ou tendas nômades são, em geral, redondos, simbolizando movimento.

Chevalier & Gheerbrant (ob., cit, p. 239), destacam que:

Segundo a psicanálise contemporânea, a cidade é um dos símbolos da mãe com seu duplo aspecto de proteção e de limite. Em geral tem relação com o princípio feminino.

Em relação às significações simbólicas da água, os estudiosos já mencionados (1995, p. 15), acrescentaram que existem três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. Tais temas, segundo Chevalier & Gheerbrant são encontrados nas mais antigas tradições e formam variadas combinações imaginárias –e as mais coerentes também.

Nessa perspectiva, a água, “*massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contém todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção.*”

Na Bíblia, os poços no deserto, as fontes que se oferecem aos nômades são outros tantos lugares de alegria e encantamento. Junto das fontes e dos poços operam-se os encontros essenciais (p. 16)

A água em seus símbolos analíticos revela-se como “*fonte de fecundação da alma: a ribeira, o rio e o mar representam o curso da existência humana e as flutuações dos desejos e dos sentimentos.*” (p. 21) C. G. Jung (apud Chevalier & Gheerbrant, 1995, p. 104), declara que: “*atualmente, vemos com frequência que os automóveis e aviões substituem, nos sonhos contemporâneos, os animais fabulosos e os monstros dos tempos remotos.*”

Assim, encontram-se nos estudos de Chevalier & Gheerbrant as seguintes afirmações:

Ao conteúdo simbólico do *automóvel* o avião acrescenta o da *levitação*. O avião não é o cavalo, mas sim o Pégaso. Portanto, dir-se-á que sua decolagem pode exprimir uma aspiração espiritual, a da liberação do ser o seu ego terreno através do acesso purificador às alturas celestes.

[...] O avião pertence ao domínio do ar e materializa uma força deste elemento, É o domínio das idéias, do pensamento, do espírito.

[...] Ao mesmo tempo rápido, delicado em seu mecanismo e difícil de manejar, o avião faz lembrar justamente o comportamento na vida, que se assemelha a uma grande aventura iniciática.

Aviões que evoluem no céu revelam forças espirituais potências cósmicas percebidas em nosso espaço psíquico e que se liberam. No elemento água, essas forças vias são peixes. (p. 104 -5)

Pode-se inferir que os elementos simbólicos aqui analisados: *a cidade, a água e o avião* corroboram para uma das múltiplas possibilidades de releitura dos contos e lendas da cultura popular brasileira, e, em especial, a brasiliense, objeto de estudo do presente ensaio.

#### b) A lenda do lago

Esta lenda relata a história dos índios Guáyases que viviam nas terras onde hoje é o DF que muitos deles abandonaram a região com o objetivo de se livrarem das perseguições dos Bandeirantes. Entre os índios Guáyases que aqui permaneceram, estava o pequeno órfão Paranoá, cujo pai, fora picado por uma cobra cascável. O cacique da tribo seguiu a tradição indígina: passou a cuidar da mãe e do filho que haviam ficado sozinhos.

Paranoá cada vez mais se afeiçoava ao cacique. Acompanhava-o constantemente na pesca, na caça e ouviu as histórias do seu povo narradas pelo cheque à noite, ao redor da fogueira. Certa noite, o sábio cacique conversava com as estrelas e com Tupã, Deus de seu povo, recebe uma revelação a respeito do pequeno Paranoá. Na manhã seguinte o cacique convida o indiozinho para uma conversa e assim procede:

Querido curimim, estou velho e sei que logo vou morrer. Por isso, quero que me ouça com toda atenção e cumpra fielmente tudo que foi decido por tupã. Depois de um longo suspiro ele continuou: Nossa gente, os Guáyases, existiam há muitos anos nesta região. Vieram de terras muito distantes. Eram em grande número e por muitas gerações viveram neste lugar. Hoje, muitos já foram pra outros lugares e, pouco a pouco, os que ainda restam também estão indo embora! Meu desejo é ver as nossa tribo se multiplicar e crescer nestas terras onde habitaram nossos avós; mas, só existe um meio de em parte realizar meu desejo, é você ficar aqui e dar continuidade a nossa raça, mesmo que todos partam para outras terras. Porém, preste atenção, você não se unirá e nem se deixará a seduzir pelas índias da nossa tribo. Você se preparará para a jovem que tupã lhe trará. Ela chegará no momento e dia certos e viverá com você, renovando assim o sangue de nossa raça, através dos filhos que nascerão. Quando ela chegar, será admirada pela beleza de suas formas e venerada pela esperança que representará para nossa descendência.

Paranoá apesar da tenra idade, ouviu com atenção tudo o que lhe disseram do cacique a respeito do seu destino. Constatou com o passar do tempo, que a responsabilidade pelo futuro da sua raça estava agora gravado em sua mente. *“Da tribo só restava só uns índios já idosos. Certo dia, Paranoá acordou e sentiu falta do cacique foi até o rio e chorou ma morte do amigo e o que criou. Sentiu-se totalmente no mundo e lembrou que não havia perguntado ao cacique quando Tupã traria a sua companheira.”* (p. 19)

Certo dia, *“olhando a própria imagem refletida nas águas, percebeu que já era homem feito. Procurou-se aperfeiçoar-se na caça, na pesca, na colheta de frutos e de raízes, no fabrico de instrumento como flechas, arco, canoas, recordando-se das palavras do cacique de que deveria ser o melhor em tudo”*. Apesar disso, sentiu-se só.

Com o passar do tempo, ele se viu completamente sozinho. Todos haviam partido, ou morrido. Os mais novos foram para outras terras e os mais velhos para o outro

mundo. Na tinha mais para quem caçar, pescar ou colher frutos e raízes e os dias começaram a ficar longos e solitários. Sentia falta de seu povo. (p. 19)

Tentando preencher o vazio que sentia, Paranoá construía belas ocas, remava de um lugar para outro, corria, gritava, nadava, mais nada disso adiantava.

Procurava imaginar a mulher que Tupã lhe traria. Como seria seu cabelo, seu corpo, sua cor, sua voz? De onde viria? Esse sonho lhe dava alento para passar os dias. Às vezes, a solidão doía e o jovem índio solitário chorava como uma criança, protegido pela escuridão da noite. Jaci, a lua, já havia percebido a solidão de Paranoá e estava fascinada pelo seu corpo forte e belo. Sempre que ele dormia serenamente sobre as pedras de cachoeira ela acariciava-o com seus raios prateados e colocava muitos sonhos em sua mente.

Em certo dia, Paranoá presentiu que Tupã estava prestes a cumprir o prometido. Olhava o horizonte procurando ouvir algum som que pudesse denunciar a chegada da sua noiva e assim permanecia todo o dia. Ao cair da tarde, ouviu uma trovoadas. Não podia ser chuva, visto que o céu estava claro! Contudo, os fortes ruídos continuavam. Tudo estremecia.

Paranoá olhava atônico para o horizonte avermelhado que emoldurava a figura da linda mulher que lentamente caminhava em sua direção. Emocionado, ele mal podia respirar. Ela era linda! Muito diferente das mulheres da tribo. Tinha asas longas como um ser alado e sua pele clara brilhava como seda.

Maravilhado, o índio corre e indaga-se era ela a enviada de Tupã. E numa melodiosa voz, a interpelada responde. “–Paranoá, eu sou Brasília. Você agora não viverá mais sozinho.”

Todavia, encantado pela beleza de Brasília, flutuantes de felecidade, Paranoá não percebeu que Jaci, enciumada por perder o amado, concentrava toda a sua luz nos olhos de Paranoá, ofuscando-o e confundindo ao mesmo tempo em que despeitava lembranças das caúcias suaves que lhe dedicava.

Jovem índio confuso e sentiu dividido. Esperar por Brasília durante toda a sua e agora descobria que também amava Jaci. Uma dúvida muito grande tomou conta o coração do jovem guerreiro. Um relâmpago azulado rasgou o céu e uma voz que mais parecia um trovão ecoou pelo espaço e penetrou na alma do Paranoá: Infeliz guerreiro, jamais deveria existir tal dúvida em seu coração. Você não merece a mulher que lhe prometeu, e por isso, como castigo, vou transformar você num lago de braços abertos que contemplará para sempre e bela Brasília, porém nunca a tocará. No mesmo instante, o corpo do índio Paranoá começou a derreter-se diante do olhar frio e impassível da bela Brasília. Enquanto isso, Jaci percebendo que destruíra para sempre a vida do seu amado, se escondeu atrás de uma grande nuvem. Paranoá transformou-se no grande lago, olhando apenas à distância a linda Brasília. (p. 22)

Desse modo, Paranoá transformou-se no grande lago, olhando apenas a distância a linda Brasília que permaneceu no Planalto Central, atraindo os corações grante um lugar para oitramojemos contos e lendas da cultura popular brasileira, e em especial, a brasiliense.